

PREFÁCIO*

Prefaciando uma obra escrita por várias mãos não é fácil. É desafiador. Porque se trata de diversos objetos de estudo, cuja análise, por conseguinte, se diferencia uma da outra. Este trabalho tem muitas virtudes e gostaria de destacar algumas delas. **A primeira virtude** é a riqueza de pesquisadores e pesquisadoras de gerações distintas que mantêm um diálogo profícuo em um campo ainda com muitas lacunas epistêmicas. As relações geracionais na produção acadêmica deixam vívidas não apenas o espaço universitário, mormente, permitem os olhares mais agudos tanto daqueles que já percorreram um bom caminho nessa seara quanto dos que tateiam o desafio da “trilha metodológica” da investigação *Stricto Sensu*. Esses encontros revitalizam, sobretudo, as temáticas propostas na área em questão: A História da Escola Pública.

A segunda virtude é a capacidade de os autores se sustentarem em um fio metodológico e que, como resultado, estabelecem entre si alguns pontos de aproximação. Os variados objetos de estudo são traçados por um itinerário epistêmico de grande envergadura, interlaçando-se com os matizes de outras Ciências Humanas. Ao passear nos capítulos deste livro, lembro-me de uma passagem emblemática de Pascal, quando diz:

Sendo todas as coisas causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas se mantendo por um laço natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes, tenho como impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes (2005, p.84).

Portanto, Pascal lança a pergunta: “Como seria possível que uma parte conhecesse o todo?” A resposta é peremptória: “Mas as partes do mundo têm todas tal relação e tal encadeamento uma com outra que creio ser impossível conhecer uma sem a outra e sem o todo.”

Podemos compreender essas assertivas de Pascal como força e vigilância da razão epistemológica: a ruptura, a construção e a constatação. Nisso, deve se deter sobre a importância de uma dialética histórica. Sem essa vigilância, o conhecimento científico em seus caminhos turvos e abertos não é dialetizado e, por isso, não constitui princípios pelos quais é possível evidenciar novas explicações, problemáticas construídas *a fortiori* e não dogmatizadas. Isso significa que uma investigação acadêmica não almeja uma página

*DOI – 10.29388/978-65-86678-77-2-0-f.1-4

encerrada, acabada; ela está aberta para outras hipóteses e formulações de problema.

Nessas considerações, o primor desta obra é a conjugação entre método e fontes documentais. Tendo como tema a história da escola pública no oeste do Paraná, não perde de vista a totalidade histórica. A dialética entre as partes e o todo fomenta o seu perquirir. O caminho teórico de cada proposição analítica de seus autores pretende evidenciar a efervescência de uma região, aliás, de uma sociedade. Aborda uma realidade histórica para suscitar um dinamismo particular. Uma tentativa bem-sucedida de mostrar as contradições entre sociedade civil e sociedade política, cujo foco é a escola pública enquanto instituição compreendida em suas práticas circunscritas historicamente na estrutura de sociedade de classes. Desvenda uma formação que aponta a dinâmica das relações sociais em suas dimensões ideológicas, econômicas, culturais, enfim, um movimento com imbricações objetivas e subjetivas, que se fazem presentes direta ou indiretamente na educação institucional.

Para tanto, a concepção dialética histórica, de certa forma, possibilitou a feitura deste livro. O cuidado com seus princípios é factível: a totalidade histórica da existência humana, ou seja, apreender a escola pública em sua auto-relação e hetero-relação como salienta Joja¹; a união dos contrários entre o singular e o geral; entre a base material e a consciência, como bem descreve Pascal (2005); entre teoria e prática; entre objetivo e subjetivo; entre análise e síntese.

Em *O Capital*, Marx é categórico em seu método de pesquisa. A dialética, na investigação, “tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real.” (MARX, 2017, p. 28).

Sartre foi meticuloso quando se referiu ao método dialético em Marx, principalmente ao processo histórico em seus procedimentos universalizantes e totalizadoras. Não é por acaso que estes termos estão no plural, pois Marx estudou os processos singulares em um esquema geral de desenvolvimento. Logo, as pesquisas de Marx não impediram a análise das dinâmicas sociais como totalidade singular, isto é, a unidade de um todo e as suas relações

¹ “O pensamento concreto consiste em considerar e apreender os fenômenos em sua auto-relação e hetero-relação, em suas relações com a multiplicidade de seus próprios ângulos e de seus aspectos inter-condicionados, em seu movimento e desenvolvimento, em sua multiplicidade e condicionamento recíproco com outros fenômenos ou grupo de fenômenos.” (JOJA, 1965, p. 53).

internas. Sartre, como asseverei, é perspicaz e destaca no estudo de Marx, em O 18 Brumário, sobre os acontecimentos de fevereiro de 1848 na França, essa totalidade sintética. Quando Marx

[...] estuda, por exemplo, a breve e trágica história da República de 1848, ele não se limita – como se faria hoje – a declarar que a pequena burguesia republicana traiu o proletariado, seu aliado. Ele, tenta ao contrário, representar esta tragédia no pormenor e no conjunto. Se subordina os fatos anedóticos à totalidade, [...] é através deles que quer descobri-la. Em outras palavras, dá a cada acontecimento, além de sua significação particular, um papel de revelador: já que o princípio que preside a pesquisa é o de procurar o conjunto sintético, cada fato, uma vez estabelecido, é interrogado e decifrado como parte de um todo; é sobre ele, pelo estudo de suas insuficiências e de suas “sobre-significação” que se determina, a título de hipótese, a totalidade no seio da qual reencontrará sua verdade (SARTRE, 1979, p. 26).

A terceira virtude deste livro é a diversidade de fontes primárias e a interlocução com as categorias das múltiplas áreas das Ciências Humanas, como foi dito acima. Assim, esta obra problematiza historicamente um complexo de objetos de estudo em História da Escola Pública (livro didático, currículo, educação especial, instituição escolar, educação infantil, educação à distância, memória, financiamento em educação) e estabelece um debate de método e técnicas com essas outras Ciências Humanas. Ademais, o conceito de fonte permitiu a sua ampliação além da escrita.

Gostaria de ratificar o teor multidisciplinar desta obra. Mesmo com diferentes autores, cada um com seu objeto de investigação específico, este trabalho não caiu na armadilha do conhecimento fragmentado, compartimentado. Os vasos intercomunicantes são a mola mestra desta coletânea. Se toda historiografia, sobretudo a história da educação, é seleção, ela não pode perder a sua totalidade.

Finalizo com Hobsbawm: “Não existe uma coisa do tipo história econômica, social, antropológica, ou história psicanalítica: existe apenas história” (1998, p. 78).

Aos leitores, desejo uma excelente travessia nessa promissora obra.

Wilson da Silva Santos

Doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2016). Atualmente é professor Assistente B, da Universidade do Estado da Bahia - Uneb e pesquisador colaborador do Museu Pedagógico - UESB. Tem experiência na área de História da Educação e de

Filosofia da Educação, com ênfase em História da Política Educacional; atuando principalmente nos seguintes temas: História dos Intelectuais da Educação, Pesquisa Histórico-Sociológica da Educação e Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas.